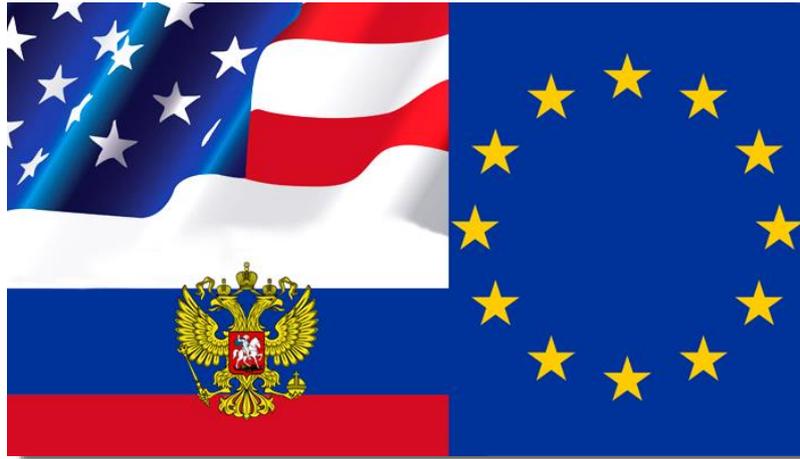


MAS



A Europa da era Trump

Manuel Abranches de Soveral

A desinformação e parcialidade patentes na generalidade dos meios de comunicação e a paranóia e ignorância que grassam nas chamadas redes sociais obrigam a que qualquer coisa que hoje se escreva, para que valha a pena, seja, por um lado, simples, clara, esclarecedora e assertiva e, por outro, prospectiva e distante da espuma dos dias.

O mundo está a mudar como tenho vindo a prever. Para muitos parece confuso e inacreditável, e sentem-se muitas vezes como o tolo no meio da ponte, sem saber o que pensar e o que esperar do futuro. Pois bem: atendem no que é essencial.

Muitos ainda se lembrarão do tempo em que a esquerda era contra a globalização e organizava por todo o lado manifestações de protesto à porta das grandes reuniões mundiais, bradando contra os interesses da plutocracia e da finança internacional.

O *Brexit*, Donald Trump e os movimentos da direita europeia, a que os média gostam de chamar extrema, inverteram por completo este xadrez político. Hoje, a antiglobalização tornou-se claramente uma bandeira da direita, evidência sublinhada pelo sim à Europa da esquerdíssima Grécia nos idos de 2015 e pela recente defesa entusiasta da globalização, em Davos, feita pelo presidente da China, o único grande país comunista que persiste, apesar de ser também o maior exemplo de capitalismo de estado, o que só por si explica muita coisa da economia e da política.

É impossível prever se Trump vai conseguir levar a bom porto a revolução que se propõe fazer. A tarefa é gigantesca e tem contra si meio mundo. Não só os habituais esquerdistas, mais as minorias coloridas, os idiotas úteis

e as damas ofendidas (mais as invejosas da magnífica Melania...), mas sobretudo poderosos interesses instalados, que por enquanto actuam subterraneamente mas ainda assim mil vezes mais eficazes do que as manifestações de protesto, sejam elas pacíficas ou violentas. E os média, na sua bolha esquizofrénica, não lhe darão tréguas.

Mas uma coisa é certa: o movimento está lá, como está na Europa, e é já imparável. A novidade do fenómeno está no seu cariz revolucionário. É claro que é populista, como em geral são as revoluções e como por exemplo foi populista a revolução francesa. Curioso é ser sobretudo a esquerda e, em geral, os reverenciadores e herdeiros políticos da populista revolução francesa que agora clamam, com o maior desdém, que o movimento que floresce nos EUA e na Europa é populista!

Curioso, também, é que na América este movimento seja liderado por um milionário, um empresário, um *self-made-man*, cuja mãe escocesa imigrou para os EUA e, antes de casar, aí serviu como empregada doméstica; ao qual a esquerda *snob* e os seus acólitos “bem-pensantes” agora apontam, com desprezo, as carências resultantes da sua origem humilde! Apesar de, segundo dizem os genealogistas escoceses, essa mesma mãe ser remotamente descendente dos reis da Escócia...

Seja como for, quer o movimento que Trump lidera quer o movimento do *Brexit*, quer ainda os movimentos da direita europeia, todos se apresentam objectivamente como revolucionários, o que remete a esquerda, aqui considerada como o conjunto de todos os outros, para o ingrato papel de conservadores, ou seja, de defensores do *status quo*.

Pode parecer à primeira vista, e assim tem sido tomado por muitos que ainda não perceberam nada do que se está a passar, que este movimento consubstanciado no *Brexit*, em Trump e nos partidos da direita europeia, é uma mera reacção desconjuntada de descontentes, de abandonados da sorte, mais ou menos toscos, que não sabem bem o que querem e almejam coisas que os “iluminados” e bem sentados à mesa da prosperidade julgam impossíveis e desvairadas. Mas a verdade é bem outra: por detrás do inevitável populismo que o jogo eleitoral sempre induz, há muito de telúrico e essencial no pensamento deste movimento, cujas bases filosóficas e políticas, desde as obras da Nova Direita dos finais do século passado, estão aí para quem as quiser ler. Como é óbvio, não é com discursos filosóficos e de teoria política que se ganham eleições, sendo intelectualmente desonesto exigir a estes movimentos discursos com maior substância teórica do que o dos seus adversários. Finalmente, a direita percebeu como se ganham eleições...

Os partidos de esquerda, sobretudo da extrema-esquerda, estão ainda estupefactos, mas a pouco e pouco vão realizar que não podem mais alinhar em teses antiglobalização ou nacionalistas sem serem associados a Trump. Porque uma coisa é a posição que este ou aquele dirigente de direita, diligentemente ignorado pelos média, pode ter tomado sobre a globalização. Outra, totalmente diferente, é a hiper-divulgada posição expressa pelo presidente do mais poderoso país do mundo!

E o mesmo se vai passar no que toca à Europa. Tal como decorreram as primárias em França, com a eleição pelos socialistas do esquerdista Hamon, e com a campanha miserável que os média estão a fazer contra Fillon, tudo se conjuga para uma confortável vitória de Le Pen. Se assim for, as posições antieuropeias terão uma voz no *Brexit* e em Le Pen, nesse caso presidente da República Francesa. Não restará nenhum espaço para a extrema-esquerda. Esse espaço teve uma oportunidade histórica, mas perdeu-a quando Aléxis Tsípras conseguiu que a Grécia votasse em referendo a permanência no euro.

É já evidente, para quem tenha um mínimo de inteligência prospectiva e não se deixe auto-enganar por um insidioso *wishful thinking*, que a União Europeia, tal como está, não é sustentável. No futuro, mais breve do que longínquo, os europeus vão necessariamente dividir-se em duas soluções diametralmente opostas: ou o regresso aos estados, porventura com a formação de pequenas comunidades entre os países mais afins, ou o avanço para um verdadeiro federalismo, no mínimo idêntico ao que hoje vigora no Reino Unido.

Mas estará ao nosso alcance uma Europa federal ou Estados Unidos da Europa que simultaneamente responda à questão central da unificação constitucional e fiscal, e portanto garanta a famosa solidariedade territorial, e ao mesmo tempo, apesar do rude golpe nas nacionalidades que isso implica, consiga contentar as aspirações nacionalistas e a diversidade das culturas, dar emprego ou, em alternativa, protecção social a todos e, no final das contas, não entre em bancarrota? Se despontarem os líderes certos, talvez. Com os que populam por aí, nem pensar!

É assim previsível que seja mais fácil o caminho antieuropeu da direita, sobretudo face à medíocre resposta dos actuais líderes da Europa, que roçam a imbecilidade. E tanto mais fácil será quanto mais a Europa se colocar do lado da globalização e, em certa medida, se confundir com ela; em vez de se apresentar perante os europeus justamente como a única forma, com massa crítica suficiente, de estes se defenderem eficazmente da voracidade global.

A esquerda está paralisada e ultrapassada pela História. Se atacar a globalização, está a apoiar Trump. Até se duvidar da NATO... Se atacar a Europa, está a seguir Le Pen. Resta-lhe apoiar o actual estado de coisas na Europa, que é justamente o que tem feito, à excepção da extrema-esquerda, que agora também não tem outro remédio... Irá nesta grande massa de esquerda - que vai dos sociais-democratas e democratas-cristãos aos socialistas e extrema-esquerda -, surgir uma divisão significativa e um movimento federalista relevante? E que ideias centrais teriam de enformar este renovado movimento para aspirar aos indispensáveis sucessos eleitorais?

Desde logo, teria de despir-se das velhas e gastas roupagens ideológicas que hoje mais parecem coisa carnavalesca. Nomeadamente, esquecer

a maniqueísta e tradicional divisão entre esquerda e direita e fazer dela uma nova síntese pragmática, sem preconceitos.

Os europeus são constituídos por um conjunto de velhas nações, hoje com populações envelhecidas e baixas natalidades, que em média atingiram na 2ª metade do séc. XX um razoável nível de vida generalizado. Mas no séc. XXI cada vez mais gente enfrenta dificuldades, resultantes cumulativamente da globalização, do desemprego ou emprego de má qualidade, do endividamento dos respectivos países e da concorrência imigratória. De uma forma geral, aderiam à ideia de uma Comunidade Europeia para evitar as guerras que os tinham dilacerado no passado e por pensarem que isso lhes traria vantagens na melhoria do nível de vida. A criação da Comunidade Europeia e do euro coincidiu, contudo, com o desenvolvimento exponencial da globalização, em boa parte promovida pela própria Europa, que julgou que daí teria grandes benefícios. E teve, durante algum tempo, começando a pagar o preço desde o início do séc. XXI.

Neste processo, a Europa destruiu e deslocalizou a maior parte da sua indústria, e com isso criou uma gravíssima crise de desemprego ou degradação do emprego e, por arrasto, de natalidade. O capitalismo financeiro, o pior tipo de capitalismo que há, tomou conta de uma economia de serviços, pouco produtiva e especulativa. As novas tecnologias, em constante mudança, muitas vezes mudanças criadas mais pelo *marketing* do que pela engenharia, serviram sobretudo, bem vistas as coisas, para escravizar, controlar e monitorizar as populações alienadas, e não verdadeiramente para lhes melhorar a qualidade de vida.

Hoje, a maioria das pessoas aspira sobretudo a um bom emprego (bom rendimento), liberdades, mais tempo livre, segurança, bom ambiente (livre de poluição) e acesso fácil a serviços e úteis bens de consumo. Tudo coisas cada vez mais difíceis de conseguir. Uma Europa federal tinha de ter como objectivo principal garantir, para todos, aquelas aspirações básicas, sacrificando no processo tudo o que fosse secundário.

Os defensores da Europa federal deviam assim propor uma Constituição europeia que garantisse o máximo de liberdades individuais, uma fiscalidade igual para todos os países da união, um orçamento central, a par de orçamentos nacionais e regionais, e a garantia de legislação assistencial igual para toda a união, cumprindo assim finalmente a celebrada solidariedade intereuropeia.

Em rigor, um país ou federação não devia ter o direito constitucional de reger os respectivos cidadãos, na medida em que a soberania está nos cidadãos e não no estado. E só o faz porque os próprios cidadãos, num dado momento, o permitiram. Quando da feitura da nova Constituição da Europa federal, que substituiria as constituições nacionais, seria bom que as pessoas tivessem nisso muito cuidado e delegassem no estado o mínimo dos mínimos no que respeita a elas próprias. Ou seja: o máximo de liberdades para os europeus. O estado máximo que cada vez mais vigora

na Europa, onde os cidadãos são controlados em todos os aspectos das suas vidas, tem de acabar, dando lugar a uma nova era de liberdades.

Ao mesmo tempo, a Constituição europeia permitiria que a lei regesse a livre actividade económica dentro das políticas estabelecidas a nível federal, tendo em conta o objectivo central do bem social. Ou seja, capitalismo sim, mas com regras sociais e rigorosamente fiscalizado.

A economia - e por extensão as empresas - não pode ser apenas um fim em si mesma. Está bem comprovado que é, dada a imutável natureza humana, o lucro que faz mover a economia e as empresas; e seria estultícia querer que funcionassem de outra forma. Mas se o lucro, para além de legítimo, é essencial para a economia, isso não obsta a que as empresas não tenham de ser socialmente responsáveis ou, dito de outra forma, que não tenham de ter dimensão humana. Por isso, um país, e por extensão uma federação, têm o direito constitucional de controlar a actividade da economia e portanto as empresas dentro do seu território, como aliás já fazem. Se o estado deve, preferencialmente, manter-se afastado de toda a actividade económica, precisa contudo regulá-la e, sobretudo, fiscalizar devidamente a aplicação dessa regulação.

Esta questão é sensível, sobretudo no universo da direita. Até que ponto é possível o estado regular a economia sem com isso, por assim dizer, matar a galinha dos ovos de ouro? Não se trata, portanto, de uma questão filosófica ou política, mas de matéria prática. Por exemplo: se a racionalidade económica concluir que é mais lucrativo criar fábricas completamente automatizadas, lançando com isso uma crise generalizada de desemprego, pode o estado intervir sem causar demasiado dano a todo o processo da cadeia económica? Em teoria, a evolução para a automatização iria criar, a montante, a respectiva indústria e, portanto, novos postos de trabalho. Na prática, contudo, nem o tempo nem as pessoas seriam os mesmos, podendo um movimento generalizado e simultâneo de automatização da indústria criar graves problemas sociais, pelo menos momentâneos. Nesta medida, defendo que, em casos extremos, o estado poderia e deveria intervir, de forma cuidadosa e temporária, para reequilibrar as coisas e minimizar os efeitos nefastos. Por exemplo, no caso vertente, criar para cada automatização um imposto temporário, decrescente ao longo do tempo, até à sua extinção. Desta forma, dava tempo a que a sociedade se preparasse, diluía o impacto e criava receita para subsidiar a mudança social.

Pode parecer descabido entrar, neste artigo, em especificidades como estas, mas é fundamental entender que um dos mais graves problemas da nossa sociedade, e certamente o maior entrave que Trump terá de enfrentar, é o poder desmedido que detêm as grandes multinacionais, sobretudo com a globalização, muitas vezes superior ao poder dos estados onde actuam. Portanto, controlar devidamente a actividade económica, sem contudo interferir no seu bom e livre funcionamento, é uma prioridade fundamental, que requer critério e competência.

Por maioria de razão, também essa Europa federal devia pôr os interesses dos seus cidadãos em primeiro lugar e perceber que a globalização, sobretudo a globalização descontrolada, é um sistema de vasos comunicantes que, se permite ganhos extraordinários a algumas empresas, que muitas vezes fogem ao fisco, no fim das contas só podem prejudicar gravemente os europeus.

Muita asneira se tem dito a propósito da globalização, ou seja, sobre a alegada impossibilidade de se inverter um processo em curso que é irrecusável e claramente um trajecto de futuro, em clara consonância com as novas tecnologias. Desde logo, quem assim argumenta confunde globalização com globalismo, isto é: não distingue a global comunicação e interacção de pessoas e ideias, coisa excelente que ninguém contesta, do livre comércio mundial, coisa bem diferente, a que se chama globalização. Se as condições de produtividade fossem idênticas em toda a parte, nomeadamente custos de produção, regulação ambiental e de segurança, regras laborais, mercados cambiais, etc., etc., não haveria problema de maior na globalização. A questão está justamente no facto de assim não ser e os países e uniões mais reguladas e evoluídas sofrerem uma concorrência desleal esmagadora. No início, ainda se pensou que os países mais evoluídos poderiam dar-se ao luxo de perder na globalização toda uma série de indústrias, ficando apenas com aquelas de maior tecnologia e valor acrescentado. O que, além de se revelar desastroso para o emprego, se verificou ser uma falácia.

A nova Europa federal teria de entrar definitivamente no séc. XXI, sem a canga ideológica e as falsas ilusões do século passado. O mundo mudou, não raro para pior. A doentia fixação no confronto do "Ocidente" com a Rússia é um atavismo serôdio, do tempo da União Soviética de má memória. Trump tem razão: a NATO está obsoleta e descentrada. A artificial animosidade europeia e americana contra a Rússia não passa de um artifício para manter a NATO como está, cara e inútil, e com ela os muitos interesses que lhe estão associados. Putin é um líder forte, que assusta muita gente, mas é tão eleito como os demais. Não pode é ser sacrificado por causa da Crimeia, sobretudo depois do que os seus acusadores fizeram no Kosovo e no Iraque, para dar só dois exemplos.

As ingénuas políticas dos EUA e da Europa destruíram os frágeis equilíbrios que existiam no mundo muçulmano. A guerra do Iraque foi um erro tremendo, como catastrófica foi a engenharia europeia da chamada primavera árabe. O autoproclamado estado islâmico é o resultado directo dessas políticas e o terrorismo fundamentalista avulta hoje como a principal ameaça à segurança europeia e americana.

Enquanto a Europa não recentrar as suas prioridades, que afinal devem ser as dos seus cidadãos, nada de bom poderá acontecer e apenas é previsível a sua desintegração. Sandices como as que recentemente proferiu Donald Trusk, presidente do Conselho Europeu, que equiparou, como inimigos da Europa, a América de Trump ao estado islâmico, só revelam o estado de pânico e a falta de estatura política dos actuais

líderes europeus. Se o exemplo de Trump levar a Europa a reduzir a enorme teia burocrática e regulatória em que enreda os cidadãos e a economia; a baixar a carga fiscal com que os estrangula; bem assim como a proteger eficazmente as fronteiras contra esta nova invasão dos bárbaros, só temos de lhe agradecer...

Não é por acaso que a imigração avulta, quer na Europa quer nos EUA, como uma questão política central. Podem as boas almas carpir lágrimas de solidariedade para com os milhões que assolam as costas da Grécia, Itália e outras fronteiras da Europa, num negócio chorudo para alguns. Em última análise, talvez mais de metade da população mundial gostaria de viver na Europa e nos EUA, se pudesse. Dar abrigo a esses ilegais só agrava o problema e potencia novas vagas de imigrantes, num círculo vicioso interminável. Por outro lado, e não menos grave, a proliferação na Europa de guetos de imigrantes não assimilados, como por todo o lado se vê, cria e criará no futuro gravíssimos problemas de segurança e de governabilidade, de insustentabilidade social e de descaracterização cultural e identitária, tudo factores desagregadores da nossa sociedade. A nossa piedade de hoje será a desgraça dos nossos filhos e netos!

É tempo de a Europa se deixar de pieguices decadentes, mimadas visões cor-de-rosa, histerias sentimentais e outras lamechices burguesas, e encarar a dura realidade como ela é. A América, especialmente a nova América, o Reino Unido e a Rússia são hoje os principais aliados objectivos da União Europeia, federal ou não, porque as suas populações são aquelas que connosco têm mais afinidades. Se os países e uniões querem defender as respectivas populações dos malefícios da globalização, têm de criar uma massa crítica suficiente, onde os padrões de vida e as regulações sejam o mais possível similares, para não provocar distorções, *dumpings* e manipulações, nomeadamente monetárias. E esse grande espaço, que inclui a Federação Russa, o Reino Unido, os Estados Unidos da América e a União Europeia, proporciona justamente isso. Trata-se, afinal, de uma questão estratégica de sobrevivência na selva mundial em que vivemos, cada vez mais superpovoada, caótica e insustentável. A caridade começa em casa. Ninguém resolve os problemas do mundo sem primeiro resolver os seus próprios problemas vitais.

Porto, 31.1.2017